

Pablo



Kling

@pabloKling

\*Jornalista especializado em turismo

## Vale Encantado: Um Natal iluminado conquista Petrópolis

Divulgação



Vale Encantado: Um Natal iluminado conquista Petrópolis

**I**naugurado no dia 15 de novembro, o Vale Encantado já se consolidou como uma das principais atrações natalinas de Petrópolis. Milhares de visitantes têm sido transportados para um universo mágico, repleto de luzes, cores e encantamento.

Com quatro setores temáticos – Vila Natalina, Polo Norte, Jardim de Luz e Floresta Encantada –, o evento oferece uma experiência única e inesquecível para todas as idades. A cuidada cenografia, com mais de 250 mil lâmpadas e 100 objetos decorativos, transforma o espaço em um verdadeiro conto de fadas.

A animação do público é evidente. Flavia Adriane, visitante do Rio de Janeiro, destaca a beleza do Jardim de Luz e a surpresa com a qualidade da atração. “Não esperava que estivesse

tão lindo”, afirma. Já Teresa Moreira, moradora de Petrópolis, compara a decoração com a famosa de Curitiba, afirmando que o Vale Encantado não fica atrás em nada.

O sucesso do Vale Encantado se deve à combinação perfeita entre tradição e inovação. A magia do Natal se une à tecnologia para criar um ambiente imersivo e encantador. A trilha sonora e os aromas natalinos completam a experiência, despertando todos os sentidos dos visitantes.

Até o dia 5 de janeiro, o Vale Encantado estará aberto de quarta a domingo, das 16h à meia-noite. Os ingressos podem ser adquiridos a partir de R\$ 20, com descontos especiais para meia-entrada e gratuidade para crianças até quatro anos.

Não perca a oportunidade de viver a magia do Natal no Vale Encantado!



Pablo Kling

*Diretamente do Rock the Mountain, a influenciadora Larissa Kiappe e sua filha, Valentina, mostraram que o festival é para todos os gostos. A dupla não perdeu a oportunidade de curtir o show da Joelma e celebrar a boa música em família.*

Pablo Kling

Divulgação



*Guido Varella e Carolina Morelli, da Serra Brasilis Turismo, aproveitando um raro momento de descanso no último domingo do Rock The Mountain 2024.*



*Nos bastidores da Calçada da Fama, após a apresentação de sucesso, o rapper Chefin posou para fotos com Pedro Callegaro, do marketing da casa, e Bernardo da Cruz, em um ambiente repleto de energia e boa vibe.*

## Petrópolis Gourmet: muito mais que um festival gastronômico

O Petrópolis Gourmet está transformando Petrópolis em um verdadeiro paraíso para os amantes da boa comida e da cultura. Além dos deliciosos pratos nos restaurantes participantes, o festival oferece uma programação completa com oficinas, mercados gourmet e eventos especiais, como o Agi-

to Gastronômico na Rua Teresa. A experiência completa e a interação com os chefs estão encantando tanto moradores quanto turistas. Interaja com chefs renomados e descubra novos sabores no Petrópolis Gourmet. A programação completa está disponível em [www.petropolisgourmet.com.br](http://www.petropolisgourmet.com.br)

## Lucas Ventura da Silva\*

### Passados silenciados: a história calada da “Cidade Imperial”

Para quem não conhece Petrópolis ou pouco experimentou o cotidiano da cidade, pode facilmente ser levado a crer na ideia, deveras equivocada, de uma “Cidade Imperial” colonizada por germânicos e construída pela mão de obra livre e assalariada (o que não foi). O fato é que, do ponto de vista da memória, ou pelo menos dá socialmente valorizada e difundida, há passados silenciados no que diz respeito à presença de africanos e descendentes de africanos na história de Petrópolis. Esse silêncio foi algo construído e pode ser percebido quando olhamos para a memória em torno da ideia de Cidade Imperial.

Petrópolis recebeu o título de Cidade Imperial, de fato, com o Decreto nº 85.849, de 27 de março de 1981, assinado pelo então presidente da República João Baptista de Oliveira Figueiredo, no contexto de incentivo ao turismo histórico, apresentando-se como ponto fundamental para consolidação da idealização de Cidade Imperial. No entanto, essa ideia foi articulada muitas décadas antes. Podemos dizer que Getúlio Vargas, e sua tentativa de aproximação à imagem do imperador D. Pedro II, foi um agente ímpar nessa construção de memória.

Percebemos que com a extinção da Lei do Banimento, pelo Decreto nº 4.120, de 3 de setembro de 1920, houve um incremento no processo de reabilitação da memória do Império, principalmente, a partir da tomada do poder, em 1930. A “Revolução” pretendia romper com a Primeira República, criando outra narrativa, essa por sua vez, ia ao encontro da afirmação da nacionalidade brasileira, na criação de uma identidade nacional. A partir disso, iniciou-se um projeto cultural, com intuito da construção de um nacionalismo sustentado na noção de coesão social, sobretudo,

com o Estado Novo. Nesse momento, surgiu uma instituição significativa para a construção de memória em Petrópolis, o Museu Imperial.

Neste contexto, há uma confluência de interesses políticos e historiográficos. Por um lado, ainda que desde os primeiros momentos da República houvesse vozes defendendo as políticas de preservação da memória do período imperial, como as que lutaram pela revogação da Lei do Banimento, percebemos que a política cultural implementada durante o primeiro governo do Presidente Getúlio Vargas (1930-1945) favoreceu e coadunou-se com a revitalização da memória do Império, personificado na figura de d. Pedro II. (FRAGUAS, 2019, p. 45-46)

Getúlio Vargas estava tão envolvido com a criação do Museu Imperial que acompanhou todas as etapas de construção, desde a aquisição do palácio, até a formação do acervo. As fotografias e os processos administrativos que compõem o acervo institucional, por exemplo, indicam que Vargas atuou diretamente no processo de concepção, criação e constituição do museu.

Nessa perspectiva, a criação da instituição foi um fator de relevância na formação da memória de uma Cidade Imperial, uma vez que Vargas o criava para narrar a história do Império brasileiro, no entanto, não para formar uma narrativa do Império em si, mas, sim, conforme idealizado pela República e, em especial, pelo seu projeto de poder. Nesse ponto de vista, deparamo-nos com uma contradição: uma cidade que insistia em ser Corte com a presença da República, com um presidente que tentava se aproximar da figura de liderança de D. Pedro II. A partir disso, a ideia da Cidade Imperial foi se consolidando ao lado do próprio museu, pensado para uma narrativa própria,

tal qual Vargas pretendia.

Dessa maneira, a fabricação do imaginário da Cidade Imperial, sem problemas e conflitos, fez com que a experiência de africanos livres e escravizados em Petrópolis não fosse efetivamente explorada e pesquisada por muito tempo, gerando o apagamento da memória negra sustentado na noção de cidade forjada pelas elites e por imigrantes europeus, portanto, livre de qualquer marca africana.

No entanto, essa ideia de Cidade Imperial traz uma série de problemas, não só para os petropolitanos, mas, também, aos turistas que visitam Petrópolis. Há toda uma vontade, uma demanda, que é coletiva, para a discussão sobre a cultura africana e afro-brasileira na cidade. Vale aqui citar a experiência do Museu da Memória Negra de Petrópolis – uma importante iniciativa coletiva que tem por intuito formar um acervo público para negras e negros, mas, sobretudo, reivindicar narrativas e promover ações identitárias e representativas para a população afro-petropolitana, um espaço que nasce como um museu virtual, mas que caminha para a sua realização física. As redes sociais do Museu da Memória Negra recebem um número significativo de mensagens semanais de turistas perguntando o endereço do museu. Certamente, esse movimento nos mostra toda uma demanda existente para a discussão sobre essas memórias. Portanto, defendemos que é preciso uma virada de chave. É preciso anunciar que por aqui passaram muitas gentes, africanos e descendentes de africanos que tinham histórias e que por aqui fizeram história.

**\*Historiador, Associado Titular do Instituto Histórico de Petrópolis (IHP) e integrante do Museu da Memória Negra de Petrópolis**

## Dante o Iludido

### Eudaimonia e Cultura: uma promessa quebrada pela gestão cultural

A eudaimonia, conceito filosófico da ética aristotélica, define a felicidade e a realização de uma vida plena como algo que só pode ser realmente avaliado ao seu término. Com essa visão — de que a realização autêntica se mede ao final, pela solidez de seu legado — cabe examinar a atual administração de Petrópolis, em especial o Instituto Municipal de Cultura (IMC). No entanto, em vez de um desfecho que inspire “felicidade” e senso de realização, o término da gestão deixa um rastro de promessas frustradas e prejuízos para a cultura da cidade.

No início de sua administração, o Instituto prometia um novo paradigma, afirmando que, enfim, Petrópolis experimentaria uma transformação cultural profunda e democrática. No entanto, o que ocorreu nos anos seguintes foi, em boa parte, uma repetição dos vícios do passado. As falhas se manifestaram em várias frentes, a começar pelo atraso nos pagamentos a agentes culturais locais, um problema que afetou financeiramente e emocionalmente inúmeros produtores e artistas da cidade.

Além disso, o IMC comprometeu-se com a transparência e o rigor na elaboração dos editais de cultura, mas o que se viu foram editais muitas vezes mal redigidos, deixando lacunas que abriram espaço para múltiplas interpretações e uma série de erratas que se tornaram corriqueiras. Em nome da “democracia”, decisões foram impostas de maneira vertical, sem consulta ao Conselho Municipal de Cultura, numa clara contradição entre o discurso de partici-

pação e a prática autoritária. Um exemplo disso foi a exclusão dos agentes culturais que receberam apoio pela Lei Aldir Blanc de participar de editais municipais financiados pelo Fundo Municipal de Cultura. Tal restrição, em nome de uma falsa isonomia, ignora que são esferas distintas — uma federal e outra municipal —, ferindo a ampla concorrência e limitando o acesso de agentes culturais a esses recursos.

Entre os equipamentos culturais da cidade, dois exemplos críticos revelam o abandono da política cultural local. O Centro de Cultura de Petrópolis, o segundo maior centro de cultura do estado do Rio de Janeiro, permanece em estado de sucateamento, com reformas paliativas que não atendem às necessidades da população. Com pinturas de fachada e reparos de baixa qualidade, o local ainda sofre com instalações que já não servem à sua função e carecem de um planejamento sólido de revitalização. Da mesma forma, o Teatro Dom Pedro, fechado há anos para reforma, ainda não foi devolvido ao povo. Inúmeras promessas de reabertura foram feitas, mas nenhuma concretizada, privando Petrópolis de um espaço cultural essencial.

Ao término desta gestão, a eudaimonia que poderia ter sido alcançada é apenas uma sombra do que foi prometido. E é com uma amargura merecida que nos lembramos das palavras de Fernando Pessoa, em seu Ultimatum: “Mandado de despejo aos mandarins do mundo... Fechem-me tudo isso à chave e deem a chave fora.”